

## Os Franciscanos Alemães em Mato Grosso: Vivências e Identidades

Jérri Roberto Marin (UFMS)

Resumo: A pesquisa analisa a diáspora dos Franciscanos alemães da Província de Santa Isabel, da Turíngia, em Mato Grosso. O olhar que privilegia enfoca os religiosos como imigrantes, que vivenciaram a experiência de deslocamento, voluntário ou involuntário, e sua condição de estrangeiros. Os freis foram obrigados a tornarem-se missionários numa região onde desconheciam o cenário religioso. O referente alemão e europeu não tinha correspondência com o encontrado. Como se inserir em outro Estado-Nação, como negociar com a hierarquia eclesiástica brasileira, como estabelecer uma pastoral diante de um cenário religioso diferente do alemão e europeu, como reconstruir suas identidades e, por fim, como estabelecerem suas negociações culturais? Assim, tiveram de improvisar e a aprender a desenvolver uma maquinaria de imposição católica que se adaptasse ao cenário religioso de Mato Grosso. Porém, a maioria das frentes de atuação fracassou e havia o risco iminente da missão ser extinta, impelindo-os a rever seus métodos e expectativas.

Palavras-chave: Identidades, Mato Grosso, Imigração, Franciscanos.

Esse artigo analisa a diáspora dos Franciscanos alemães da Província de Santa Isabel, da Turíngia, em Mato Grosso. O olhar que privilegia enfoca os religiosos como imigrantes, que vivenciaram a experiência de deslocamento, voluntário ou involuntário, e sua condição de estrangeiros.

As perseguições, em virtude da ascensão e consolidação do nazismo na Alemanha, trouxeram inúmeros desafios aos Franciscanos. Para evitar a extinção da Província e preservar a integridade física dos freis, os Superiores optaram, embora não o desejassem, pela dispersão, em diferentes países, da maioria dos seus membros. O Mato Grosso, onde se estabeleceram a partir de 1938, tornou-se um desses “lugares de refúgio”.<sup>1</sup> Os quatro primeiros freis assumiram as paróquias de Rio Brillhante, em 6 de fevereiro, e Rosário do Oeste, em 20 de março. As paróquias se distanciavam uma da outra em mais de mil quilômetros e, pela escassez de recursos, impossibilitavam a criação de conventos. O superior da missão de Mato Grosso, Eucário Schmitt, sem prever o número de missionários que viriam ao Brasil, aceitou todas as ofertas de paróquias feitas pelos bispos de Corumbá e pelo arcebispo de Cuiabá D. Francisco de Aquino Corrêa. Eram as paróquias desprezadas pelas demais Ordens e Congregações Religiosas que atuavam em Mato Grosso, por serem as mais extensas (algumas com 20.000 km<sup>2</sup>), as recentemente criadas, as que ficaram vacantes durante várias décadas, as com baixa densidade demográfica, as que não permitiam a sobrevivência de um único padre e aquelas que exigiam trabalhos mais penosos e menos remunerados. Em Mato Grosso, os interesses materiais se sobrepuseram aos religiosos na divisão do mercado religioso católico. Aos Franciscanos, como sócios menores, couberam as paróquias desprezadas pelas demais Ordens e Congregações Religiosas que atuavam em Mato Grosso. Muitas não tinham edifícios religiosos e casas paroquiais e, quando existiam, eram de pequenas proporções e encontravam-se em precário estado de conservação, não tinham alfaias e objetos necessários ao culto.<sup>2</sup> Como decorrência desse cenário, a missão franciscana caracterizou-se pela dispersão espacial, isolamento dos confrades, impossibilidade de manter a vida conventual e pela dificuldade de administrar a missão.<sup>3</sup>

Com o crescimento da missão, devido ao aumento do número de confrades, e para dar maior autonomia, foi criado, em 15 de outubro de 1938, o Comissariado de Mato Grosso. O fluxo diaspórico foi interrompido durante a Segunda Guerra Mundial; no entanto, na década de 1940, os Franciscanos administravam, na arquidiocese de Cuiabá, quatro paróquias, das oito existentes; na diocese de Corumbá e cuidavam de sete das quinze paróquias criadas.<sup>4</sup> A partir de 1941, os Franciscanos assumiram com exclusividade a prelazia da Chapada dos Guimarães, onde não havia em todo o território, que era de 142.000Km<sup>2</sup>, um único edifício religioso. Na década de 1950 o número de missionários era de 28 freis e 10 irmãos, todos de nacionalidade alemã. Posteriormente, outros Franciscanos e Irmãos freis imigraram. O fluxo migratório diminuiu significativamente na década de 1960, quando apenas dois freis imigraram e se encerrou em 1965, quando o último frei imigrou.

A diáspora involuntária para o Brasil, imposta pelas perseguições nazistas, foi a alternativa encontrada pois não havia perspectivas de futuro na Alemanha. Todo imigrante é um emigrante de outro lugar. A ausência da Alemanha e presença no Brasil obrigaram a Província de Santa Isabel, da Turíngia, e os freis a produzirem uma série de discursos cuja função era legitimar o deslocamento e sua presença em Mato Grosso. Ao justificá-las evocavam as perseguições na Alemanha, as necessidades do momento da Igreja Católica no Brasil e, sobretudo em Mato Grosso. No Brasil, sua presença vinculava-se ao movimento de reforma que o episcopado mato-grossense estava estruturando a fim de criar uma Igreja homogênea, centralizada e criar meios para que a instituição se tornasse a mais presente e importante da sociedade. A Ordem Franciscana ofereceria uma série de vantagens, como maiores recursos pessoal e financeira, além da melhor qualificação intelectual. O zelo e a

dedicação seriam impecáveis e os missionários estavam aptos para enfrentar o desfavorável cenário religioso. As distâncias geográficas e a maior dificuldade de controle dos superiores não colocavam em risco o celibato sacerdotal, pois os freis não eram suscetíveis as fraquezas do corpo e da alma. A escassez de recursos das paróquias seria superada com a captação desses no exterior. Nesse sentido, a utilidade religiosa, social e econômica dos missionários imigrantes eram numerosas, sobretudo para acelerar a promoção da europeização do catolicismo e do processo civilizatório.

A presença e atividade missionária em Mato Grosso foram justificadas por tratar-se de uma terra de missão, que era estereotipada, sob o ponto de vista dos religiosos, como “terra de ninguém”.<sup>5</sup> Era o território do vazio, do desconhecido, espaço ainda não ocupado pela Igreja Católica, onde o diabo reinava triunfante tendo como súditos os mato-grossenses e indígenas e que ainda deveria ser conquistado, pois a presença da instituição era fluida. Nesses discursos, os mato-grossenses jaziam na ignorância pelo fato da maioria dos adultos nunca ter recebido instrução regular em assuntos religiosos e recebido os sacramentos. Seria um povo “bom” e “inocente” que estava excluído da verdadeira mensagem e da salvação.<sup>6</sup> As populações indígenas foram representadas como excluídas da redenção, devido a escassez de padres, e como ferozes, traiçoeiros, indolentes, desregrados moralmente, supersticiosos e adoradores do demônio. Como resultado da sua intervenção disciplinadora esse “bárbaros” cederiam lugar a um índio cristão, chefe de família, laborioso, pacífico, ordeiro, moralizado, difusor do progresso, patriota, cidadão cômico de seus direitos e deveres e principalmente católico. Mato Grosso necessitava, dessa forma, de uma urgente ação civilizatória e catequética, retirando os mato-grossenses ignorantes e as populações indígenas selvagens do estado de natureza que se encontravam. Ou seja, sem a existência dos mato-grossenses e das populações indígenas não haveria missão religiosa franciscana nem ação civilizatória e catequética.

Nesse sentido, a diáspora de religiosos europeus era repleta de boas intenções. Não há sentimento de culpa consubstanciada no ato de imigrar. Trabalhar, trabalhar e trabalhar pela salvação das almas e pela Igreja Católica eram seus principais objetivos. Sua presença em Mato Grosso era divina e patriótica. Para alcançar esses objetivos os missionários apresentavam-se como portadores de inúmeras qualidades e aptos para enfrentar os desafios. Eles se auto-representavam como invencíveis e predestinados ao perpétuo triunfo sobre o mal e a desordem. O missionário seria um desbravador destemido dos sertões, das florestas bravias, do pantanal e das terras inóspitas. Ele domesticaria os indígenas sem lei e Deus, a natureza, e civilizaria os mato-grossenses. Esses ideais exigiriam renúncia de si mesmo, dos seus valores e desvinculação dos laços sociais, familiares e com os locais de origem. O missionário deveria ser obediente, infatigável, corajoso, intrépido e perseverante, pois deveria suportar todos os sacrifícios, abstenções e até a morte para defender o ideal, e muitos freis desejavam o martírio como meio de remissão dos pecados e, sobretudo, de santificação. Seriam líderes natos, aqueles que trabalhavam durante o dia e a noite, enquanto todos dormiam. Pela sua formação e caráter divino saberiam conduzir seu rebanho e educá-los por meio dos sermões e orientações. O sacramento da ordenação sacerdotal e a consagração como missionários, como ritos de passagem, conferiam aos religiosos um caráter sagrado, sobrenatural, que o diferenciavam do leigo. Como voz autorizada, poderia intervir, falar, orientar, decidir, disciplinar, punir e aos leigos cabia acatar e obedecer.

O missionário renunciava a permanência em seu país e sacrificava-se com vista a um bem maior, ou seja, difundir o evangelho, salvar almas e santificar-se. Seria uma criatura divina, possuidor de poderes superiores aos dos anjos, a quem todos deveriam obedecer sem contestar. Como líderes e guardiães da ortodoxia, conduziram os mato-grossenses e as populações indígenas à felicidade, à verdade eterna, à inteligência e à razão. Ao mesmo tempo

em que abençoavam tinham o poder de amaldiçoar, de excomungar, de interditar e excluir. Os freis seriam portadores de inúmeras qualidades: preparo espiritual, excelente cultura geral, boa apresentação pessoal e saudáveis. Como religioso, era erudito, celibatário, paciente, dedicado, fiel às hierarquias, idôneo, combativo e ser um excelente orador. Como combatente, estava preparado para as adversidades tais como fome, sede, dormir no relento e as oposições às suas atividades. Ele tinha qualificação para preservar sua integridade física, ou seja, para enfrentar os ataques de animais selvagens, répteis, insetos, piranhas, indígenas antropófagos, criminosos e de pessoas que se opusessem à sua ação pastoral. Em geral, todos deveriam portar armas, saber atirar com certa precisão e preparar seus alimentos. Era necessário ainda que tivessem noções básicas da língua nativa, da qual recebiam noções elementares antes de partir para a Alemanha. Para intervir de forma mais eficaz na vida dos católicos deveria ser um eloquente do pregador.<sup>7</sup> Ou seja, os ideais missionários seriam alcançados e os obstáculos superados por meio do sacrifício e do zelo apostólico. Para tal, estariam dispostos a enfrentar todas as adversidades, até as mais perigosas, para concretizar seus objetivos: a cristianizar e civilizar a sociedade.

O ideal missionário franciscano revela, nesse sentido, o desejo de subjugar, de conquistar, de controlar e de disciplinar. A *cruz missionária* simbolizava a ordem, em oposição ao desordenamento, e impunha uma espiritualização do espaço a ser incorporado. Essa consagração equivalia a um novo nascimento, agora sob o domínio da Igreja Católica. O objetivo era o triunfo definitivo da Igreja em todos os recantos, mesmo nos mais isolados e distantes. Neste sentido, os Franciscanos criavam diferenciações entre os bons e maus imigrantes, representando-se como desejáveis pelas vantagens que ofereciam. A alteridade entre nacionais e estrangeiros eram apagadas e eles emergem como construtores da catolicidade e da nacionalidade. Eles trariam a salvação, a luz, a alegria, a felicidade, o desenvolvimento material e tecnológico e iriam acelerar o processo civilizatório. Em suma, eles emigraram exclusivamente pelo *outro*. Era uma disposição individual e coletiva, uma mortificação com função salvadora. A necessidade de justificar constantemente sua permanência no país e a continuidade do fluxo migratório denuncia a insegurança da condição de imigrantes que viviam, pois dependiam das políticas do governo brasileiro e as diretrizes e humores da hierarquia eclesiástica brasileira. Entre as medidas adotadas para superar essa insegurança foi a tentativa de nacionalizar seus quadros de pessoal, iniciativa que não prosperou.

O ato de imigrar foi visto como um desígnio divino que permitia salvar almas em terras estranhas. Tornar-se missionário não tinha sentido punitivo e de provação. No Brasil, porém, a maioria dos freis imigrantes sonhava que sua ausência da Alemanha fosse curta e que, ao retornar, voltaria a ocupar os mesmos lugares que abandonaram ao partir. Nesse sentido, os medos, as angústias e os temores diante das eventualidades pulverizavam as certezas acerca da diáspora involuntária e sobre o futuro da missão de Mato Grosso. Eles não estavam seguros em terra estranha, preferiam estar em seu país e em sua casa, onde se fica em paz. Embora procurassem se sentir em casa no Brasil tinham a consciência de não estavam em seu país e que aqui não era seu lar. Padeciam, dessa forma, dos males do exílio, ou seja, de nostalgia, de saudade da terra natal, de ansiedade do regresso e do desejo de estar com os confrades, com os familiares e com sua gente. A recusa da alternativa presente está permeada pela ideia de perda, de desenraizamento, de punição e de castigo. O fantasma da perenidade da imigração, o temor da expulsão, a preocupação em assumir novos postos, até mesmo os exclusivos como a Prelazia da Chapada dos Guimarães, são reveladores desses medos e das preocupações de sobreviver enquanto imigrante numa sociedade intolerante e que procurava manter o *status quo*, o nós. Após alguns anos, os Franciscanos perceberam que a estada seria longa, não provisória e se instalam de forma definitiva e duradoura em sua condição de

imigrantes. Concluiu-se que o exílio seria longo. Para tal, foi necessário convencer a si mesmos de que não retornariam em curto prazo. Teriam, sobretudo, de provar que seriam capazes de concretizar os ideais missionários. A percepção de provisoriedade enquanto estrangeiro era mais confortável do que torná-la definitiva e o desejo de retornar a Alemanha lhes dava alento e permaneceu como um sonho a ser conquistado no futuro. A tristeza e o sofrimento cederam lugar à determinação, à coragem e a fortaleza do ânimo. Recompôr-se a partir da obediência aos desígnios divinos implicou também em recomeço, em criações e reconstruções.

O exílio forçado pelas perseguições e a dispersão pelo mundo dos Franciscanos alemães da Província da Turíngia colocou-os como sujeitos de diásporas. Como exilados, atravessavam fronteiras, rompiam com as barreiras do pensamento e da experiência obrigando-os a negociar, a construir-se e reconstruir-se o tempo todo. Eles tiveram de renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida”, de absolutismo étnico ou de homogeneidade religiosa, pois foram obrigados a negociar com as novas culturas, tradições, histórias e linguagens do Brasil sem serem completamente assimilados. Eles tornaram-se irrevogavelmente *traduzidos*.

Os Franciscanos foram “[obrigados] a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas”.<sup>8</sup> Eles, quando questionados, reconheciam-se como brasileiros, embora soubessem que nunca seriam um. Nesse sentido, ser alemão e brasileiro não era conflituo. Porém, a sensação sempre vivenciada era a de *des-locamento*, de não estar em casa. Eles tiveram de “aprender a habitar no mínimo duas ou mais identidades, a falar duas ou mais linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas.”<sup>9</sup> Ou seja, sempre há o deslize ao longo de um espectro sem começo ou fim.<sup>10</sup> Eles passaram a pertencer a mais de um mundo, sem pertencerem completamente a nenhum deles. Não tinham um lugar certo ou “casa” e a chegada a algum lugar estável, fixo e confortável sempre foi adiada.<sup>11</sup> A busca para criar um lugar de pertencimento foi constante e suas identidades tornaram-se ambíguas, flutuantes, deslocadas, contraditórias, não resolvidas, cada uma delas influenciando as demais.<sup>12</sup> Os Franciscanos foram obrigados a retrabalharem suas vidas, as metodologias pastorais e a doutrina da Igreja Católica. Foram momentos de luta cultural, revisão e reapropriação. No exílio, a vida é descentrada, desestabilizadora, é levada fora da ordem habitual, segue um calendário diferente, e os hábitos de vida no novo ambiente ocorrem contra o pano de fundo da memória dessas coisas na terra natal, como num contraponto. Por outro lado, vivenciavam um sentimento particular de realização ao agir como se estivessem em casa.

Desde a chegada, os Franciscanos procuraram aproximar-se daquilo que buscavam compreender e intervir. Mato Grosso tornou-se objeto de observação, conhecimento e reflexão. O olhar sugere uma reflexão, um diálogo constante com as referências culturais do observador e sua visão de mundo. Essas, diante do novo, podem ser revistas, negadas ou reiteradas. Diante das diferenças, o universo cultural conhecido (alemão/europeu) era reafirmado, colocando-se como central, ou seja, como o mundo da cultura e civilização. Havia um reconhecimento dos valores culturais que se negava àqueles que não se aproximavam desses referenciais. Descobrir o *outro* significava descobrir a si próprio, pois o conhecimento de si baseava-se no prévio conhecimento do *outro*. Nesse sentido, o homem, a natureza, o cenário religioso e a cultura mato-grossense tornaram-se objetos de observação, reflexão e classificação, com o objetivo de ordenar, dominar, subordinar e remodelar. Eles eram eternos questionadores e curiosos de tudo. Preocupavam-se em compreender os modos de vida, manifestações religiosas, bem como suas razões de ser. Havia um esforço reflexivo e constante de chegar a um saber sobre o outro, a uma verdade que justificasse sua intervenção normatizadora. O olhar que dirigiam para o outro também estavam voltados para si mesmos, sobre seus métodos pastorais e sobre a organização da Igreja em Mato Grosso.

Esses encontros etnográficos não foram marcados pelos diálogos e pelas negociações culturais. Eles atribuíram sentidos e significados à vida social, com poucas interlocuções com as diferentes vozes que confiaram a eles, voluntária ou involuntariamente, seus problemas, angústias, medos, vivências religiosas e seus modos de pensar, sentir e viver. Suas observações, reflexões e classificações não eram dialógicas, pois dos outros estavam separados arbitrariamente em tudo e por tudo. Os missionários afirmavam que amavam o Mato Grosso, porém descobrem que não podiam amá-lo de forma absoluta. Seus olhares eram ambíguos, ao mesmo tempo estrangeiros e familiares e aproximavam-se da concepção do mundo e de homem que conheciam, embora redefiniram sua própria identidade ao traduzirem-se. Ao fazê-lo, por meio da intervenção modificadora e transculturadora, a região também recebeu modificações no seu caráter original ao incorporar essas representações à sua identidade.<sup>13</sup>

As descrições culturais foram o resultado de experiências compartilhadas no convívio com os *outros*, que se tornaram objetos de observação, estudo e análise, pois “o conviver é pautado no observar”.<sup>14</sup> A presença dos missionários é um fato de autoridade, portanto de poder. Esse lugar sempre foi construído de forma autoritária e assimétrica e raramente dialógica. O *outro* foi silenciado, domesticado e ocupava um lugar inferior. Em suas narrativas culturais, a alteridade e as exclusões foram levadas ao extremo, colocando à distância um *outro*, com o fim de distinguirem-se dele e fazerem-se mais críveis. Para frei Elsing, o missionário deveria exercitar seu caráter e inteligência, banir de seus ideais toda a pressa ou inquietação para tornar-se “modesto e pôr de lado todo o espírito de superioridade do próprio europeu.”<sup>15</sup> Porém, na maioria das vezes, não conseguiram desenvolver a aptidão de tolerar a diferença, inventando e estruturando as alteridades, as exclusões e os preconceitos. Entre os religiosos estrangeiros que atuavam em Mato Grosso, os Franciscanos foram os que mais relutaram em aprender a língua portuguesa, aspecto que dificultou às suas ofensivas para reverter a situação de lateralidade do catolicismo na sociedade mato-grossense. Intolerantes, não cessaram de fabricar os *outros* e de deslegitimá-los. Os Franciscanos olhavam a diferença sob um prisma hierárquico ao considerar-se como portadores de saberes diferentes dos mato-grossenses e que esses seriam mais legítimos. Ao desqualificarem a cultura mato-grossense e o não reconhecimento que eram saberes diferenciados excluía a possibilidade de um diálogo. Ao mesmo tempo em que se auto-representavam como *próximos* dos mato-grossenses, conservavam-se *distantes*, excitando os processos geradores da alteridade e aprofundando as diferenças. Os Franciscanos orgulhavam-se de serem alemães, europeus e católicos, de serem procedentes de uma Nação onde o processo civilizatório era pleno. Esses aspectos os habilitavam a tornarem-se agentes civilizadores. Nesse sentido, a verdadeira terra era aquela do qual estavam ausentes, ou seja, a Alemanha e o continente europeu. Para eles, a ação missionária redentora que desenvolviam teria sido confiada por Deus, pois dele provinha toda a autoridade. Assim, sentiam-se responsáveis e orgulhosos por difundirem os ideais da Igreja Católica e as realizações da sociedade ocidental, das quais os mato-grossenses estariam excluídos. A experiência diaspórica e missionária são experiências de contato, que raramente se estabelecem a partir de uma condição de igualdade, mas repletas de tensões não resolvidas, que produzem novas identidades.

Na busca do controle e de monopolizar o mercado religioso, adotavam discursos de poder e demonização contra os competidores religiosos, utilizando linguagens agressivas e detratórias e que geravam preconceitos. Termos como “cruzada”, “almas a colher”, “salvar”, “escuridão” aparecem com frequência excitando a ofensiva católica e, ao mesmo tempo, as intolerâncias religiosas. Os freis deslegitimavam outras crenças, dificultavam seu estabelecimento e competiam pelo mercado onde outras religiões já estavam estabelecidas por meio da criação de instituições de assistência social, hospitalar e educacionais católicas.

Converter, salvar os que não estão salvos, incrementar a fé e as vivências religiosas tem a conotação de conquista, de purificação do território e de transformação do espaço a ser incorporado sob os domínios da Igreja Católica.

A identidade branco-cristã constitui o modelo identificatório a ser implantado de forma hegemônica e, como maioria, deveria torna-se o marco de referência para os demais grupos. Os indígenas e negros, em conformidade à norma majoritária dominante, deveria renunciar às suas pertencas étnico-raciais e aceitar essas representações coletivas hegemônicas. Identificar-se com valores branco-cristãos expressaria a superação do *status* de incivilizado, acatólico e de excluídos, o que exigia a negação da própria pertença étnico-racial. Os religiosos aceitavam e defendiam o estabelecimento de relações de hostilidade, para com grupos religiosos não-católicos, deixando claro sua afiliação ao grupo dominante branco-cristã.

A premissa da descrição é a exterioridade moral e existencial com relação ao *outro* que descreve. Um *outro* distante, diferente moral e culturalmente, amorfo, ameaçador, desprovido de energia e iniciativa. Ao representá-lo, os Franciscanos os silenciam, evidenciando as relações de poderes que permeiam esses campos: como os sertanejos não podem representar a si mesmos, os missionários falam em seu lugar. Quem não fala é infantilizado, é isso que quer dizer infância, aquele que é incapaz de cuidar de si próprio, de decidir e de formar uma opinião. Ele deve ser tutelado e não responsabilizado juridicamente. Por outro lado, não havia a preocupação em criar um espaço de fala, de discussão. Os missionários, ao considerarem-se portadores da verdade, reforçam os preconceitos, a exclusão social e cultural e negam uma abertura incondicional com relação ao diferente, ou seja, ao contexto multiétnico, plurilíngue, multinacional e culturalmente heterogêneo de Mato Grosso.

A diáspora franciscana e as hibridações decorrentes foram fonte criativa e poderosa de produção de novas formas de cultura e representaram também custos e perigos. Por ocasião da Segunda Guerra Mundial e do rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, os religiosos e religiosas estrangeiros, sobretudo de descendência alemã e italiana, foram alvos de denúncias, de repressão policial e de ameaças de morte. Nesse momento de tensão, acirrou-se a xenofobia, sobretudo com relação aos alemães, italianos e japoneses, por ameaçarem a soberania nacional e subverter as identidades estabelecidas e estáveis.

O imigrante é uma pessoa deslocada e inclassificável. Sua presença era vista pelas autoridades como importuna, incongruente e incômoda. As certezas estavam sendo perdidas e os mato-grossenses perceberam que a mundialização da cultura tinha chegado ao seu cotidiano, reorientando a organização da sociedade. Os fluxos de imigrações e migrações e as trocas culturais fronteiriças com o Paraguai e a Bolívia diversificavam as culturas e pluralizavam as identidades, inaugurando processos de “minorizações”, minando lentamente a desejada homogeneidade cultural e introduzindo cada vez mais a diferenciação e as hibridações. As influências externas passaram a ser questionadas, pois poderiam conduzir ao caos, à anomia e à impureza e, como decorrência deveriam ser expurgadas. Criavam-se fronteiras entre fronteiras, entre o certo e errado, o tolerável e o intolerável, o legítimo e o ilegítimo, entre o nacional e o alienígena.

Esses discursos defendiam que uma cultura pode ser definida e protegida por suas fronteiras geográficas, encerrando ali apenas o que seria genuíno, para reforçar os laços e a lealdades culturais. Houve um fortalecimento dos particularismos, do nacionalismo defensivo e “racializado”, da brasilidade, em oposição ao estrangeiro, visto como um intruso que desrespeitava as leis e modificava *nossos* hábitos, comportamentos e valores. O apego a esses modelos unitários, fechados, assumiu, algumas vezes, formas violentas. Os freis foram perseguidos e acusados de serem estrangeiros, alemães nazistas e ultramontanos. A ofensiva da Igreja Católica, para reverter a não submissão da população às normas católicas e para

impor como legítima sua representação de mundo, centrava-se na consolidação da sua presença na sociedade.<sup>16</sup> As estratégias intervencionistas e a maior visibilidade da Igreja Católica na sociedade mato-grossense acirraram a xenofobia e o anticlericalismo.

A presença dos Franciscanos alemães foi percebida como estrangeira e sua estadia como não provisória. Eles formaram um “enclave” étnicos minoritários no interior dos Estados-Nação, pluralizando a cultura e a identidade nacional, tornando-as mais híbrida. Ou seja, esse processo reforçou os conflitos étnicos e nacionais, as intolerâncias e as reações conservadoras, racistas, excludentes e xenóforas. Ou seja, a numerosa presença de estrangeiros não ocorreu uma redução da resistência à alteridade, ao multicultural, nem a afirmação das hibridizações. Ao contrário, houve um fechamento às pressões da diferença, da alteridade e da diversidade, que motiva a busca da pureza, da identidade nacional unitária e das certezas perdidas.

Os discursos das autoridades policiais e políticas procuravam criar distinções entre os nativos e os estrangeiros e pensavam na pertinência de sua permanência e a relevância da sua presença à nacionalidade, sobre as vantagens e os custos à soberania nacional. A imigração deveria maximizar apenas vantagens e nenhum custo religioso, econômico, social e cultural. Enfim, as autoridades mato-grossenses definem e pensam a imigração como um problema social. A relação de forças pende para os nativos e os freis são colocados na posição de devedores, de perigosos, traidores e corruptos. Os não-nacionais, por serem uma ameaça a ordem e a soberania nacionais, deveriam ser excluídos do campo político, religioso, cultural e econômico e sua estadia não deveria ser autorizada. O outro estrangeiro corrompia e ameaçava o nós. As autoridades o trataram do *outro não-nacional* pensavam no *nós*. Os missionários nesses campos de força recorriam as autoridades políticas e eclesiásticas para sobreviverem como imigrantes. Por outro lado, como estrangeiros tinham consciência de que deveriam manter-se neutros, reservados, polidos, não incorrer no racismo e discriminações notórias, não desqualificar o Brasil e os brasileiros e, sobretudo, excluir-se do campo político.

Os freis foram acusados de serem estrangeiros,<sup>17</sup> de ameaçarem a soberania nacional, de fazerem propaganda nazista e de manterem emissoras de rádio.<sup>18</sup> Em Dourados, os freis Ricardo Laetteck (Higino) e Pedro Schaefer (Quintino) tiveram decretada prisão domiciliar de abril a junho de 1942, por tornarem-se suspeitos de agir contra a segurança nacional e foram proibidos de exercer ofícios religiosos. Posteriormente, em 2 de junho de 1942, como não foram comprovadas as suspeitas, essas medidas foram revogadas.<sup>19</sup> Apesar disso, o Estado Maior do Exército cobrou providências enérgicas do bispo de Corumbá, D. Vicente, com relação aos frades Antônio, Pedro e Octaviano e às freiras de Dourados e Entre Rios. Eles teriam, em seus pronunciamentos, criticado o Brasil e os brasileiros.<sup>20</sup> Os párocos de Paranaíba e Aparecida do Taboado também foram presos no quartel de Três Lagoas, entre 22 de março e 3 de maio de 1942. Esse episódio foi conhecido como “Cativo Três-lagoense”. Os frades que prestavam assistência religiosa aos japoneses foram acusados de serem “paraquedistas alemães”. Em 1942, as Irmãs Franciscanas de Bonlandem fundaram uma escola paroquial em Rio Brillante. A legislação estadual não permitia a estrangeiros, especialmente dos países do eixo, lecionar nas escolas, mesmo sendo membros de Congregações Religiosas. As Irmãs foram perseguidas e impedidas de dirigir a escola paroquial, por serem estrangeiras. Em fins de 1943, retiraram-se da paróquia devido às perseguições políticas, ao isolamento geográfico, ao pequeno número de matrículas e ao fato de as condições locais não corresponderem às promessas feitas.<sup>21</sup> Em Campo Grande, muitos imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses foram perseguidos, presos e suas casas apedrejadas ou queimadas. Os japoneses foram os mais perseguidos e, por temerem novas represálias, recusaram o trabalho dos Franciscanos, por serem também estrangeiros.<sup>22</sup>



Na condição de entrelugar, há sempre algo no meio; viviam em trânsito e suas identidades encontravam-se móveis, múltiplas e híbridas, pois operavam dentro de referências diferentes de tempo e espaço.<sup>23</sup> Outros freis desejaram permanecer no Brasil. Esses perceberam que poderiam continuar a sentir-se estrangeiro num lugar que nunca se sentiu como seu, de não ter um lar ou de superar o desejo de retornar a um lugar mítico. Eles percebem que podem ser felizes no Brasil ou em qualquer parte do mundo.

No final dessa experiência diaspórica, os Franciscanos e os mato-grossenses foram transformados na mesma intensidade e de forma irreversível, impossibilitando a volta ao mesmo lugar onde estavam antes.<sup>24</sup> As culturas híbridas e as identidades desalojadas, desvinculadas, não eram inteiramente novas em Mato Grosso. Desde sua formação histórica, a região foi, e continua sendo, cada vez mais, uma região multiétnica, plurilíngue, multinacional e híbrida cultural.

## Referências

50 anos de presença franciscana em Mato Grosso: 1938 – 1988. Campo Grande: Missão Franciscana, 1987.

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. *Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e da Memória. Laboratório de Estudos do Imaginário, 2007.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

AUGÉ, Marc. *O sentido dos outros: a atualidade da antropologia*. Trad. Francisco Manoel da Rocha Filho. Petrópolis: Vozes, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHARTIER, Roger. *Do livro à leitura: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Unesp, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Ed. da UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

ELSING, J. *Entre os rios Paraguai e Paraná: experiências e reflexões de um missionário franciscano no Mato Grosso*. São Paulo: Loyola, 1988.

GALETTI, L. S. G. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, 2000. 520p. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

KNOB, P. *A missão Franciscana do Mato Grosso: em comemoração dos 50 anos de fundação*. Campo Grande: Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora de Mato Grosso, 1988.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência. Ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 1-15, 1992.

---

<sup>1</sup> A Província tinha a missão de Hokkaido, no Japão. Como havia uma restrição à entrada dos religiosos, estes procuraram um novo campo missionário. No Brasil, foram oferecidas as paróquias de Belém, no Pará, e de São Luís, no Maranhão. A Província da Imaculada Conceição, no Rio Grande do Sul, Brasil, cedeu todo o estado de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Frequentemente, teias de aranhas, marimbondos e os morcegos assustavam os fiéis durante as missas e rezas. As casas paroquiais encontravam-se em condições precárias: eram insalubres, sem mobília e fechaduras. Na paróquia de Porto Murtinho, que ficou vacante de 1924, quando foi criada, até 1940, havia caixas que serviam de móveis e o fogão era uma lata virada. Em Dourados, a casa que serviu de residência por quinze anos tinha fendas que permitiam a entrada de insetos, répteis, água durante o período de chuvas e pó vermelho durante o período de seca. Ela também não oferecia segurança, devido aos frequentes tiroteios, que obrigavam os frades a dormir, para protegerem-se, embaixo das camas. *Ibid.*, p. 279.

<sup>3</sup> A paróquia de Entre Rios, atual Rio Brillhante, abrangia um território de 50.000 km<sup>2</sup>, e tinha anexas as paróquias de Dourados (20.000 km<sup>2</sup>) e Maracaju (6.000 km<sup>2</sup>). As paróquias de Entre Rios e Dourados foram criadas em 1935 e permaneceram vacantes por falta de padres para provê-las. Em 1938, os Franciscanos assumiram a paróquia de Rio Brillhante. Herculânea (atual Coxim), em 1939APPP, Livro Tombo da paróquia de Ponta Porã, p. 90.

<sup>4</sup> Em 1939, Chapada dos Guimarães; Coxim, em 1939; Ladário, em 1939; Nossa Senhora da Boa Morte, em Cuiabá, em 1940; Porto Murtinho, em 1940; Paranaíba, em 1940. Em 1941, foi criada a Prelazia de Chapada dos Guimarães, entregue à administração dos Franciscanos, e foram criadas novas casas em Dourados, Maracaju, Aparecida do Taboado, Santo Antônio de Leverger e, em Goiás, foi aceita a paróquia de Pirenópolis. Em 1941, foi transferida para Campo Grande a sede do Comissariado dos Franciscanos em Mato Grosso, onde, a partir de 1942, assumiram a Paróquia de São Francisco. Em 1947, assumiram Fátima de São Lourenço. Posteriormente, muitas dessas paróquias foram entregues e os Franciscanos aceitaram outros postos missionários.

<sup>5</sup> ELSING, J., *Entre os rios Paraguai e Paraná: experiências e reflexões de um missionário franciscano no Mato Grosso*, p. 109.

<sup>6</sup> 50 anos de presença franciscana em Mato Grosso: 1938 – 1988, p. 6.

<sup>7</sup> O sermão era, e ainda é, uma fala dramatizada do pregador para a audição e visão de um público, que deveria ser persuadido, convencido da verdade e validade universal da doutrina católica e sua superioridade frente às demais religiões. O sermão tinha como fim transmitir um conteúdo doutrinário, dogmático, letrado, culto, erudito para um público visto como iletrado, inculto e como leitor inábil. O padre mediatizava e traduzia a doutrina oficial tornando-a compreensível. Era necessário impor o sentido a fim de produzir uma leitura correta do sermão de acordo com as intenções do religioso Para criar esses efeitos, cria-se protocolos de leitura para que os ouvintes interpretassem as mensagens como o orador deseja. Para tal, era necessário ordenar as informações e as adaptar, com propriedade, às diferentes plateias e aos diferentes locais onde se apresentavam para que no processo de transmissão não houvesse distorções da mensagem central. Ou seja, os sermões tinham um conjunto de dispositivos, como uma maquinaria para produzir efeitos obrigatórios e que garantem a boa leitura. CHARTIER, Roger. *Do livro à leitura: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun*, p. 96.

<sup>8</sup> Ibid., p. 76.

<sup>9</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 89.

<sup>10</sup> Ibid., p. 33.

<sup>11</sup> Ibid., p. 415.

<sup>12</sup> SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, p. 200; HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 415.

<sup>13</sup> O olhar sugere uma reflexão, um diálogo constante com as referências culturais do observador e sua visão de mundo. Essas, diante do novo, podem ser revistas, negadas ou reiteradas. Diante das diferenças, o universo cultural conhecido (alemão/europeu) era reafirmado, colocando-se como central, ou seja, como o mundo da cultura e civilização. Havia um reconhecimento dos valores culturais que se negava àqueles que não se aproximavam desses referenciais. Assim, descobrir o *outro* significava descobrir a si próprio, pois o conhecimento de si baseava-se no prévio conhecimento do *outro*.

<sup>14</sup> ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. *Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS*, p. 11.

<sup>15</sup> ELSING, J., op. cit., p. 37.

<sup>16</sup> A hierarquia eclesiástica preocupou-se em construir edifícios religiosos, erguer cruzeiros, expandir seus quadros de pessoal e difundir instituições, tais como escolas, seminários e associações devocionais.

<sup>17</sup> ADC, Santana do Paranaíba, 30 jul. 1943.

<sup>18</sup> ADC, Campo Grande, 17 jun. 1942.

<sup>19</sup> ADC, Campo Grande, 1 jun. 1942.

<sup>20</sup> ADC, LEME, S., Rio de Janeiro, 30 set. 1942.

<sup>21</sup> APPM, Livro Tombo da paróquia de Porto Murinho, p. 21.

<sup>22</sup> KNOB, P., op. cit., p. 344.

<sup>23</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 37.

<sup>24</sup> CHAMBERS, citado por HALL, Stuart, op cit., p. 35.